

**CEDI****Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Zero HoraClass.: 72Data: 10.11.81

Pg.: \_\_\_\_\_

**Índio quer  
licença para  
vender raízes  
medicinais**

Os fiscais da Secretaria Municipal da Indústria e Comércio (SMIC), depois de uma hora e meia de deliberações, alegam que o assunto não é com eles. E indicam a Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Mas lá um assessor do secretário Larry Pinto de Faria informa que não pode conceder licença para vender artesanato indígena, ervas e raízes na Praça da Alfândega. Quem sabe no Parque da Redenção? O administrador Paulo Fernandes, consultado, diz que "só profissional trabalha aqui. Índio não pode". E agora o índio Macsuara, da tribo Kadiwéu, está sem saber onde comercializar tudo o que trouxe da aldeia, no Mato Grosso.

— Ninguém dá atenção para índio. A gente fica como peteca, prá lá e prá cá. Tenho autorização da Funai para vender artesanato, mas em tudo que é cidade que vou é difícil conseguir licença para ficar na calçada.

Macsuara tem 26 anos e há apenas dois começou a viajar vendendo artesanato. Antes trabalhava numa firma de reflorestamento localizada perto da aldeia. "Mas lá, aquilo é escravidão. Tem que assinar contrato de três meses e, nesse tempo, não pode voltar na aldeia. A firma tem um armazém e lá é que se compra tudo de comer e vestir. Mas o que se ganha nunca empata com a conta do armazém. Sempre devendo e sempre trabalhando para pagar. Tem uns 300 patrícios meus nessa luta triste".

Esse trabalho de aliciamento do índio é feito, segundo Macsuara, com a conivência da Funai. "O chefe da Funai na aldeia assina recibo para a firma para cada lote de patrício que manda. E recebe dinheiro por isso".

Ele cansou da reflorestadora, cansou do trabalho de colheita nas fazendas próximas, "tudo coisa que não rendia dinheiro", e passou a vender raízes medicinais e artesanato nas cidades. O produto da venda ele leva para a aldeia, onde sustenta a mãe viúva e nove irmãs.

Mas também sobra para novas viagens e ele conta, orgulhoso, que já conhece 160 aldeias indígenas por todo o Brasil. Também conhece o Rio de Janeiro e São Paulo, onde ficou três meses na Praça da Sé com suas mercadorias "depois de muita briga para tirar licença". Aqui a briga está mais difícil, mas Macsuara espera conseguir um espaço para vender os artesanatos Kadiwéu em pena e madeira, as 400 variedades de raízes e ervas medicinais. "Aí posso mandar dizer para meu irmão que venha também. Ele está em Curitiba com o resto da mercadoria. Lá chove todo dia, esquenta, faz frio. Muda tanto o tempo que não dá para ficar na rua. Aqui é melhor".